

FRANCO CAVALLI

Ex-presidente da União Internacional Contra o Câncer (UICC)
e diretor do Instituto de Oncologia do Sudeste da Suíça

Um líder no controle mundial do câncer

Franc Cavalli é um dos nomes de maior destaque no cenário internacional de combate ao câncer. Da ciência às políticas para o controle da doença, ele se destaca por sua competência e dedicação abnegada. Especialista em linfomas, Cavalli acaba de encerrar seu mandato como presidente eleito da União Internacional Contra o Câncer (UICC), organização não-governamental com sede em Genebra, que reúne mais de 330 organizações-membros em 102 países.

Suave na fala, mas incisivo nas palavras, o suíço é um defensor ávido de políticas públicas efetivas de controle do câncer, especialmente nos países em desenvolvimento. Casado, pai sete vezes, Cavalli é diretor do Instituto de Oncologia do Sudeste da Suíça (IOSI). Membro de conselhos editoriais de sete periódicos internacionais na área de oncologia, tem mais de 500 publicações, entre artigos científicos e livros, e acumula 18 prêmios na carreira. Nesta entrevista, Cavalli apresenta suas opiniões sobre questões centrais na luta contra o câncer, faz um balanço de seu mandato à frente da UICC e alerta, como um sentinela, sobre os novos desafios colocados pela doença, os perigos da alimentação e da obesidade.



Fotos: Gabriel Jabour

“Existe um desastre em expansão no mundo em desenvolvimento no que se refere ao câncer. As estimativas apontam que, em 2030, teremos entre 27 e 28 milhões de novos casos de câncer a cada ano, com cerca de 16 a 18 milhões de mortes.”

REDE CÂNCER – Sua vida profissional é toda dedicada à temática do câncer. Como surgiu esse interesse?

FRANCO CAVALLI - Sempre tive interesse em doenças crônicas e em acompanhar pacientes por um longo período de tempo. Minha primeira escolha, ao concluir a universidade de medicina, foi a psiquiatria. Trabalhei por quase três anos na área, mas estava um pouco desapontado com a experiência e procurava algo mais. Durante a disciplina de medicina interna, que era obrigatória, conheci o professor Brunner, fundador da Oncologia na Suíça. Uma pessoa muito carismática, que não apenas era médico, mas também graduado na London School of Economics. Ele me disse: “Na oncologia, você terá os dois, tanto a ciência quanto o contato com os aspectos sociais da medicina.” Como sempre fui interessado em ciência e também no que acontece na sociedade, ele conseguiu me convencer a me tornar um oncologista.

REDE CÂNCER – Você é conhecido como uma das mais importantes figuras do cenário mundial na luta contra o câncer no contexto dos países em desenvolvimento. Como você define a presente situação do câncer e os esforços de combate nesses contextos?

FRANCO CAVALLI – Eu falo muito nesse assunto e também publiquei alguns artigos sobre o tema. Neles, eu sempre coloco a seguinte afirmação: existe um desastre em expansão no mundo em desenvolvimento no que se refere ao câncer. As estimativas apontam que, em 2030, teremos entre 27 e 28 milhões de novos casos de câncer a cada ano, com cerca de 16 a 18 milhões de mortes. Oitenta por cento deles ocorrerão em países de baixa e média renda. Na década de 80, o número de mortes por câncer era o mesmo nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Esse quadro mudou porque, nos lugares mais pobres do mundo, além de todos os tumores relacionados à pobreza, como câncer de colo de útero e de

esôfago, vemos um aumento também nos tumores relacionados ao estilo de vida dos países industrializados, como câncer de mama, próstata e pulmão. Esperamos que as organizações multinacionais e os políticos, primeiramente os membros do G8, reconheçam com rapidez a magnitude desse problema. Com a Declaração Mundial do Câncer, revisada no último Congresso Mundial de Câncer, em Genebra, a UICC está tentando colocar a maior pressão possível sobre os responsáveis pelas políticas.

REDE CÂNCER – Quais as suas impressões sobre a Aliança Latino-Americana e do Caribe Contra o Câncer, criada em 2007? Quais os principais desafios de iniciativas como essa?

FRANCO CAVALLI – Essa é uma iniciativa muito importante, que pode não apenas ser útil para coordenar a luta contra o câncer nessa parte do mundo, mas também servir como modelo para iniciativas semelhantes em outros contextos. O Instituto Nacional de Câncer, no Brasil, e seu diretor, Luis Antonio Santini, merecem ser parabenizados pelo trabalho realizado, que já suscitou muitos interesses.

REDE CÂNCER – Câncer em crianças e adolescentes é um tema com interesse crescente no Brasil. Como você vê essa tendência?

FRANCO CAVALLI – Enquanto no mundo desenvolvido de 80% a 85% das crianças com câncer são curadas, a taxa de cura é muito mais baixa em países de baixa e média rendas. Calcula-se que, cada ano, 100 mil crianças morrem devido ao câncer. Falta organização em pediatria oncológica, o que pode ser obtido sem a necessidade de amplos recursos. É muito importante investir nessa área, porque essa é a melhor maneira de mostrar à opinião pública que o câncer é curável. Esse é um dos motivos que justificam a UICC ter lançado o programa Meu Filho importa, de muito sucesso, que está desenvolvendo 26 projetos catalisadores em pediatria oncológica em 16 países de baixa e média rendas.



“O Brasil possui um papel de liderança na América Latina, de forma geral, e certamente também na luta contra o câncer.”

REDE CÂNCER – Uma das discussões mais centrais que vemos no mundo em desenvolvimento é que o avanço científico está gerando alternativas terapêuticas muito caras, que, na maioria das vezes, não são custeáveis. Como superar esse impasse?

FRANCO CAVALLI – Esse é um grande problema. Medicamentos caros já estão se tornando uma preocupação no mundo desenvolvido e muitos países, como a Grã-Bretanha, por exemplo, introduziram regras rígidas e não aceitam pagar por esses remédios a não ser que esteja demonstrada uma melhoria significativa na sobrevivência. Esse impasse foi gerado, sobretudo, pelos Estados Unidos, uma vez que sua última administração recusou-se a limitar o custo de medicamentos. Como os Estados Unidos representam cerca de 60% do mercado mundial de medicamentos para câncer, o preço norte-americano está se tornando um fator que influencia o preço dos remédios em todo o mundo. Com uma mudança

na condução da administração nos Estados Unidos, talvez esse problema diminua. Por outro lado, é importante que a opinião pública comece a pressionar as indústrias farmacêuticas: caso contrário, logo viveremos o mesmo problema que as drogas anti-HIV, em que foi preciso haver um apelo mundial que obrigou as companhias a adotarem uma postura mais razoável. O Brasil sempre conduziu uma política, que deveria ser seguida por outros países, de abrir exceções nas regras de patentes nas situações de epidemias – e o câncer está se tornando uma epidemia nos países em desenvolvimento.

REDE CÂNCER – Quais as suas expectativas sobre o papel do Brasil na liderança da luta contra o câncer na América Latina?

FRANCO CAVALLI – O Brasil possui um papel de liderança na América Latina, de forma geral, e certamente também na luta contra o câncer. O Brasil já assumiu esse papel, por exemplo, na luta contra a AIDS. Um importante motivo para o país assumir esse papel no câncer é a presença de uma sociedade civil ativa e também um setor farmacêutico importante, que pode prover um grande volume de genéricos de qualidade para muitos países em desenvolvimento.

REDE CÂNCER – Por que é tão difícil controlar o consumo de tabaco? Os esforços contra a indústria do cigarro são suficientes?

FRANCO CAVALLI – Isso está relacionado principalmente ao fato de que, em muitos países, os *lobbies* do tabaco estão impedindo a aceitação de leis eficazes, que poderiam impactar o consumo do cigarro. O exemplo da Irlanda e da Itália, onde regras rígidas foram seguidas pela população, mostra que o problema está localizado muito mais entre os legisladores do que entre as pessoas. Por isso, é importante investir em regras mais duras.

REDE CÂNCER – Muitos estudos recentes correlacionam alimentos a fatores de risco para o câncer. A alimentação é a próxima “fronteira” na prevenção do câncer?

FRANCO CAVALLI – Obesidade e falta de exercícios físicos estão se tornando cada vez mais importantes como co-fatores determinantes na incidência de tumores. Por esse motivo, a Campanha Mundial de Combate ao Câncer deste ano, que será lançada pela UICC em 4 de fevereiro, estará concentrada em mensagens relacionadas à necessidade de praticar atividades físicas e controlar o ganho de peso, evitando a obesidade. Portanto, nos países em que o problema do consumo de tabaco foi superado de forma ampla, a próxima fronteira será conseguir uma melhor alimentação.

REDE CÂNCER – Atualmente, muitas organizações não-governamentais e entidades civis estão aderindo à luta contra o câncer. Quais os aspectos positivos e negativos dessa tendência?

FRANCO CAVALLI – Certamente é positivo que muitas ONGs estejam se envolvendo na luta contra o câncer. O risco é que, se essas atividades forem mal coordenadas, as mensagens que são transmitidas ao público podem ser confusas ou contraditórias. Por isso, é necessário que haja uma coordenação organizada de atividades.

REDE CÂNCER – O câncer ainda é um grande tabu. Como essa imagem, profundamente ligada à morte e ao sofrimento, se torna um obstáculo a mais no seu enfrentamento?

FRANCO CAVALLI – A UICC está desenvolvendo uma pesquisa em mais de 30 países na qual tentamos descobrir quais as crenças das pessoas sobre o câncer, em aspectos como prevenção e avanços científicos, entre outros. O resultado dessa pesquisa será muito relevante, uma vez que o volume de mitos e falsas crenças parece ser enorme. É muito importante discutir o tema câncer e os tabus envolvidos nessa doença em todas as oportunidades.

REDE CÂNCER – Qual o papel da informação na prevenção do câncer?

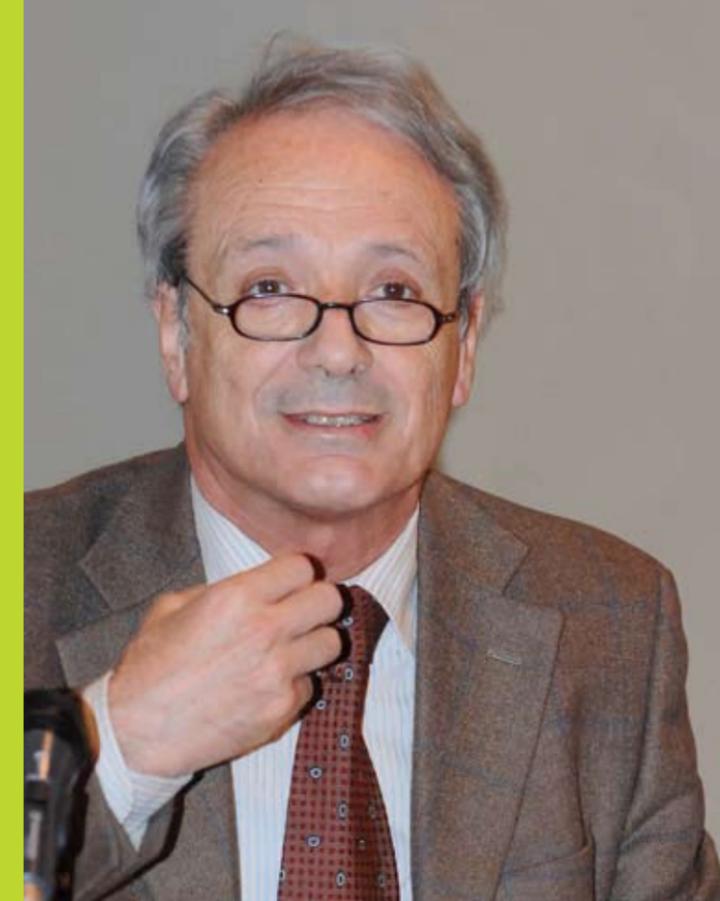
FRANCO CAVALLI – A prevenção do câncer é uma tarefa difícil, porque muitas vezes as pessoas deixam de seguir orientação pelo excesso de informação. Apesar disso, precisamos continuar informando muito a população sobre o tema. Também é preciso investigar a forma como estamos informando, buscando formas mais eficazes de comunicação.

REDE CÂNCER – Como você avalia o tempo que ficou à frente da UICC? Ainda há muito a fazer?

FRANCO CAVALLI – Foi um período extremamente empolgante, no qual tive a oportunidade de visitar muitos países e conhecer pessoas interessantes. Também percebi nesse tempo que uma coordenação global na luta mundial contra o câncer é absolutamente necessária e, por isso, o papel da UICC deveria ser ampliado.

REDE CÂNCER – Quais os seus próximos planos, agora que você está deixando a presidência da UICC?

FRANCO CAVALLI – Eu vou continuar a dirigir o Instituto de Oncologia do Sudeste da Suíça, dedicando-me à pesquisa. Enquanto ex-presidente mais recente da UICC, permanecerei atuando como



“A prevenção do câncer é uma tarefa difícil, porque muitas vezes as pessoas deixam de seguir orientação pelo excesso de informação.”

membro do Comitê de Coordenação Estratégica e provavelmente continuarei a liderar alguns dos principais projetos em países em desenvolvimento, como Vietnã, Nicarágua e Tanzânia, que foram iniciados durante meu mandato. O foco principal desses projetos é sobre oncologia pediátrica e câncer de colo de útero.

REDE CÂNCER – Quase todas as pessoas já enfrentaram o câncer de forma muito próxima em sua realidade. Você já vivenciou o câncer como um drama pessoal?

FRANCO CAVALLI – Tive amigos muito próximos que sofreram de câncer. Às vezes, é muito doloroso ter que tratar alguém tão próximo, que deposita uma incrível carga de confiança na sua capacidade. E nem sempre nós somos capazes de corresponder a essa esperança, um fato que é particularmente difícil de suportar quando está relacionado a um ente querido. |